

# JM DESTAQUE

Panorâmica este/oeste da Vila Baleira, a partir do sítio das Casinhas (Porto Santo), anterior a 1899.



FOTO: MUSEU DE FOTOGRAFIA DA MADEIRA - ATELIER VICENTE S.

“**O aumento do trânsito e a pressão turística são hoje desafios centrais. Curiosamente, já em 1974, o plano vencedor para o Porto Santo propunha limitar a circulação automóvel e privilegiar transportes alternativos, até animais de carga, como uma forma de reforçar a identidade da ilha.**”

Pedro Gonçalves, arquiteto

## “Os problemas de hoje já estavam identificados há décadas”

Exposição ‘Atlas do Planeamento’ chega hoje à Escola da Vila do Porto Santo, revelando documentos inéditos do urbanismo regional. Em entrevista ao JM, o arquiteto Pedro Gonçalves sublinha o papel singular da ilha dourada na história do planeamento em Portugal e evidencia como as questões da habitação ou da mobilidade já estavam no centro dos debates de décadas passadas.

Por **Catarina Gouveia,**  
no **Porto Santo**  
catarina.gouveia@jm-madeira.pt

A exposição ‘Atlas do Planeamento’ inaugura hoje, às 15h00, na antiga Escola da Vila do Porto Santo, no âmbito da Festa da Escola da Vila promovida pela Porta33. Reunindo cerca de 80 planos urbanísticos dispersos por 11 arquivos, o projeto com curadoria do arquiteto Pedro Gonçalves resgata documentos inéditos que revelam a evolução do planeamento na Madeira e no Porto Santo antes da imple-

mentação dos primeiros planos diretores municipais.

Em entrevista ao JM antes da inauguração da mostra que tem percorrido os vários municípios da Região, Pedro Gonçalves destaca que o maior desafio foi “dar forma a um acervo fragmentado” e transformá-lo num arquivo vivo, capaz de expor as ideias, contradições e ambições que moldaram o território. O arquiteto sublinha ainda que muitas das preocupações já identificadas em décadas passadas continuam atuais, nomeadamente “sustentabilidade ambiental, escassez de água, mobilidade, turismo

Antiga Escola da Vila do Porto Santo recebe hoje, às 15h00, a inauguração da exposição Atlas do Planeamento, projeto com curadoria de Pedro Gonçalves que resgata mais de 80 planos urbanísticos.

e habitação”. O concurso internacional lançado para o Porto Santo em 1974 é, para o investigador, exemplo paradigmático de uma visão global e visionária que Portugal então ousou ensaiar.

No caso da ilha dourada, Pedro Gonçalves destaca o seu papel pioneiro e complementar à Madeira, lembrando planos de Raúl Chorão Ramalho e a projeção internacional da ilha nos anos 70. O curador considera que visitar estes documentos é “um exercício de humildade”, que deve servir de ponto de partida para repensar o futuro das cidades, equilibrando técnica e imaginação, dis-

ciplina e ousadia.

O Atlas do Planeamento reúne cerca de 80 planos dispersos por 11 arquivos. Qual foi o maior desafio em resgatar e organizar esta memória urbanística da Madeira e do Porto Santo?

O maior desafio foi resgatar um património que se encontrava muito disperso. Cada plano estava guardado em gavetas e arquivos distintos — em Câmaras Municipais, em fundações, em arquivos regionais, na Madeira, em Lisboa e no Porto — como peças difundidas de um grande puzzle. O trabalho de recolha foi quase arqueológico: paciência, persistência e negociação com várias instituições. Mas o mais difícil foi dar forma a esse acervo. Não bastava juntar documentos; era preciso encontrar uma narrativa que transformasse este mosaico fragmentado num Atlas, capaz de revelar o sentido profundo do planeamento na Madeira e no Porto Santo. E é isso que a exposição oferece: não apenas um conjunto de papéis, mas um arquivo vivo, que nos fala das ideias, das contradições e das ambições que moldaram o território.

Que surpresas encontraram ao longo da investigação? Houve algum plano ou projeto esquecido que considera particularmente revelador do modo como as nossas cidades

### foram pensadas?

De um modo geral, o que mais nos surpreendeu foi a atualidade das questões tratadas. Quando abrimos estas gavetas, encontramos não apenas mapas e desenhos, mas preocupações que poderiam ser as de hoje: sustentabilidade ambiental, escassez de água, mobilidade, ordenamento do turismo e carência habitacional. Um exemplo paradigmático é o concurso internacional para o Porto Santo, em 1974. Numa pequena ilha, Portugal ousou lançar um debate global sobre planeamento, recebendo propostas vindas de vários países, com uma visão integrada de ecologia, economia e sociedade. Esse episódio, quase esquecido, mostra a capacidade visionária que existiu — e que é urgente recuperar.

### A exposição mostra a evolução do planeamento urbano antes dos primeiros planos diretores municipais. Que diferenças mais marcantes identificaram entre esse período inicial e o planeamento atual?

O planeamento urbano antes dos planos diretores municipais era simultaneamente mais frágil e mais ousado. Frágil, porque carecia de instrumentos jurídicos estáveis, muitas vezes dependente de vontades políticas voláteis. Mas também ousado, porque deixava espaço para a imaginação, para soluções criativas e inesperadas. Hoje temos instrumentos sólidos, sistemas regulamentares consistentes, mas também mais pesados e, por vezes, excessivamente normativos. Há sempre este dilema entre liberdade e disciplina: o risco de que a ousadia se perca na rigidez burocrática. Rever estes planos é, de certo modo, um convite a equilibrar novamente essas duas forças: a técnica e a poesia, o cálculo e a visão.

### A Madeira foi descrita como um 'laboratório experimental' de urbanismo ao longo do século XX. De que forma essa experiência singular se refletiu na forma como hoje pensamos o ordenamento do território na Região?

A Madeira foi muitas vezes descrita como um laboratório de urbanismo no século XX. E é verdade: aqui experimentaram-se soluções de frente-mar, infraestruturas turísticas, equipamentos sociais, até planos para uma ilha inteira. Essa condição experimental trouxe inovação, mas também cicatrizes. O importante é reconhecer que essa experiência moldou uma forma particular de pensar o planeamento na Região: sempre em diálogo entre a escala das localidades e a escala das ilhas, sempre no limiar entre a necessidade prática e a ambição utópica. Esse legado é tanto um património como um aviso. O Porto Santo, por exemplo, possui ainda hoje condições favoráveis para se assumir como um território experimental que ensaia soluções para todas aquelas problemáticas — sustentabilidade ambiental, escassez de água, mobilidade eficiente, ordenamento do turismo e

carência habitacional.

### No Porto Santo, a exposição ganha uma dimensão especial. O que torna a história urbanística da ilha dourada diferente ou complementar à da Madeira?

O Porto Santo é talvez o capítulo mais fascinante deste Atlas. Porque aqui não estamos perante um território secundário, mas sim um palco de experiências pioneiras. Desde o antepiano de Raúl Chorão Ramalho, nos anos 50, que procurava estruturar a ilha respeitando a paisagem, até ao concurso internacional de 1974, em que esta pequena ilha portuguesa se viu discutida por arquitetos de vários países. Este episódio é inédito no País: nunca antes se tinha convocado um olhar global para planear um território tão pequeno. Isso torna o Porto Santo um caso singular, que obriga a repensar a relação Madeira-Porto Santo não em termos de dependência, mas de complementaridade.

### O projeto tem também um forte caráter pedagógico. Como espera que o público — desde estudantes até decisores políticos — use este acervo para pensar o futuro das cidades?

O Atlas tem uma vocação pedagógica profunda. Não é apenas uma exposição para especialistas, mas um instrumento para estudantes, investigadores, decisores políticos e para qualquer cidadão curioso. Para os estudantes, é um laboratório onde se aprende a ler criticamente o território. Para os decisores, é um espelho que mostra erros e conquistas que não devemos repetir ou desperdiçar. Para o público em geral, é uma oportunidade rara de perceber que o planeamento é também cultura, memória e identidade. Aquilo que desejamos é que este arquivo seja usado como ponto de partida para

Do concurso internacional para o Porto Santo em 1974 às visões pioneiras de Raúl Chorão Ramalho, a mostra Atlas do Planeamento revela documentos inéditos que ajudam a repensar o futuro das cidades madeirenses.

uma reflexão coletiva: O que queremos para as nossas cidades no futuro?

### A caminhada pela cidade do Porto Santo é parte integrante do programa para estes dias. Que elementos do território local pretendem destacar nesse percurso e como dialogam com o conteúdo da exposição?

A caminhada pela cidade é parte essencial do programa, porque traz o Atlas para o território vivido. Não basta olhar para plantas e desenhos: é preciso confrontá-los com os lugares que habitamos, observando as diferenças. Ao percorrermos a Vila Baleira e a frente marítima, revisitamos obras de Chorão Ramalho, como a escola primária, o Miradouro das Lombas ou os balneários da Fontinha, e reconhecemos as marcas de planos que ficaram por cumprir. Ao nos confrontarmos com o que era preconizado na proposta vencedora do concurso internacional para o Porto Santo percebemos aquilo que efetivamente perdemos em desenvolvimento, mas que ainda podemos resgatar.

### Sendo um trabalho coletivo que envolveu arquitetos, urbanistas e historiadores, como é que esta rede de investigação contribuiu para enriquecer a leitura do material reunido?

O Atlas do Planeamento só existe porque foi construído em rede. Arquitetos, urbanistas, historiadores e geógrafos reuniram-se para dar diferentes leituras aos mesmos documentos. Uns olharam para a forma e o desenho, outros para o contexto social e político, outros ainda para os reflexos ideológicos presentes em cada plano. Dessa pluralidade resultou uma exposição aberta e crítica, que não apresenta verdades únicas mas múltiplas interpretações. A rede de investigadores

fez do Atlas mais do que um arquivo: transformou-o num espaço vivo, capaz de ser reescrito a cada nova leitura.

### Ao olhar para os planos urbanísticos do passado e comparando com a situação atual, como a pressão habitacional e a dificuldade de acesso à habitação, que lições podemos retirar desses documentos históricos para enfrentar os desafios de hoje?

Os planos mostram-nos que os problemas de hoje não são novos: a pressão sobre a habitação, a ocupação da orla costeira, o crescimento do turismo, a escassez de água. Já estavam identificados há décadas. A lição é que não basta diagnosticar: é preciso concretizar. O planeamento só cumpre a sua função quando consegue transformar intenção em ação. Revisitar estes documentos é também um exercício de humildade: perceber o que não fizemos, e assumir que o futuro só se constrói se aprendermos com as falhas do passado.

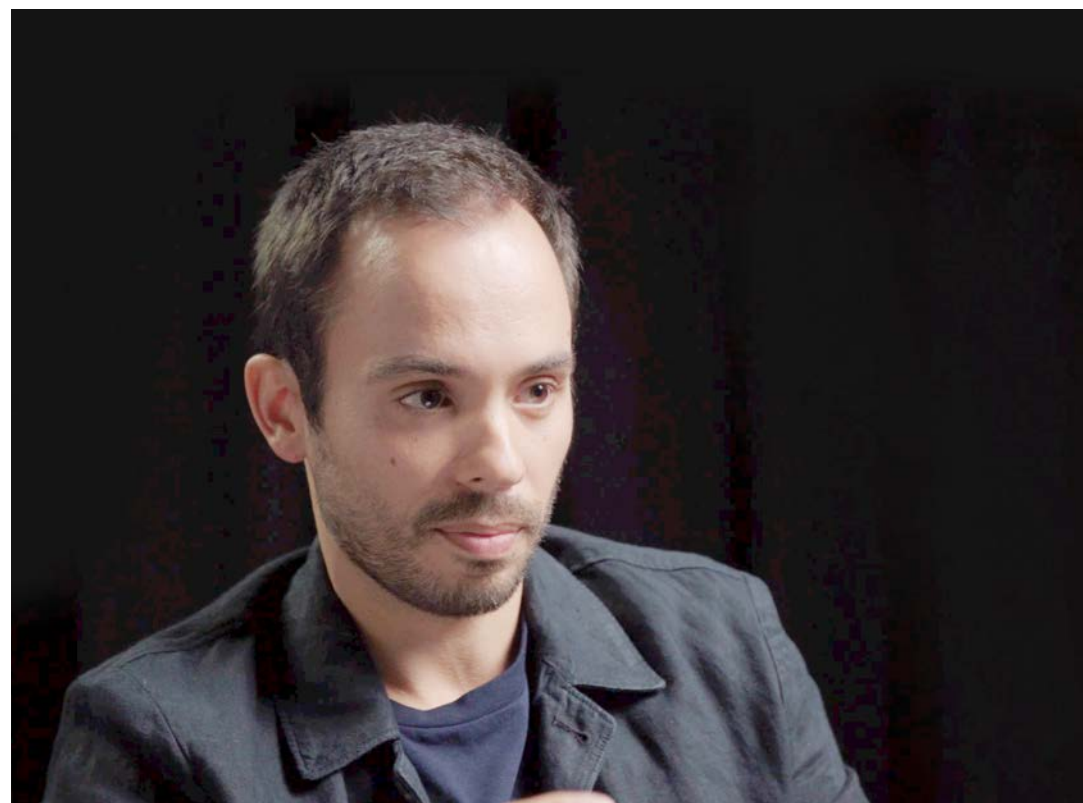
### Questões como o aumento do trânsito, muitas vezes associado ao turismo e à proliferação de rent-a-cars, estão a transformar o quotidiano na Região. Que contributo pode dar o planeamento urbano para equilibrar estas dinâmicas com a qualidade de vida das populações locais?

O aumento do trânsito e a pressão turística são hoje desafios centrais. Curiosamente, já em 1974 o plano vencedor para o Porto Santo propunha limitar a circulação automóvel e privilegiar transportes alternativos, até animais de carga, como uma forma de reforçar a identidade da ilha. Esse detalhe mostra ironicamente como o planeamento pode ir além da técnica: pode imaginar modos de vida. Hoje precisamos desse tipo de visão ousada: pensar territórios onde a mobilidade não seja uma ameaça, mas uma garantia de qualidade de vida para residentes e visitantes. O planeamento tem de ser o instrumento que equilibra economia, ecologia e quotidiano.



**O Porto Santo é talvez o capítulo mais fascinante deste Atlas. Porque aqui não estamos perante um território secundário, mas sim um palco de experiências pioneiras.**

Pedro Gonçalves, arquiteto



FOTODR